

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**



RAQUEL MOREIRA SARAIVA

CERÂMICA: HISTÓRIAS FEITAS EM UMA PANELA
LIVRO-REPORTAGEM SOBRE AS OLLERAS COOPERATIVAS

Salvador
2021

RAQUEL SARAIVA

CERÂMICA: HISTÓRIAS FEITAS EM UMA PANELA
LIVRO-REPORTAGEM SOBRE AS OLLERAS COOPERATIVAS

Memorial descritivo apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Suzana Oliveira Barbosa

Salvador
2021

Às mulheres latino-americanas

AGRADECIMENTOS

Estou coroando minha tão sonhada formação como jornalista ao contar histórias de mulheres inspiradoras, que, com seu trabalho, resgatam a história da América Latina e constroem justiça nas relações de trabalho e de gênero.

Agradeço às Olleras Cooperativas por me proporcionarem escrever um TCC à altura do que a profissão de jornalista representa para mim. Adri, Lau, Manu, Juli, Suki, Vane e Vivi: vocês mudaram minha vida para melhor! Obrigada pela disponibilidade, confiança, pelo carinho e acolhimento. A Mari e Tefi, ceramistas e mulheres incríveis que passaram pelas Olleras quando estive na Argentina, e que também contribuíram para o trabalho. À Claudia Giorgi e demais companheiros do Mercado de Economia Solidária de Bonpland.

À minha orientadora, Dra. Suzana Barbosa.

A Universidade de San Martín, em especial aos colegas e professores de Antropologia que tanto acrescentaram à minha formação como jornalista: Ana Fabaron, Valeria Hernández, Gustavo Ludeña, e minha orientadora no trabalho de etnografia, Dra. Silvia Hirsh;

À Carol Neves, Clarissa Pacheco, João Gabriel, Mariana Rios, Thaís Borges e Tharsila Prates, por todos os puxões-de-orelha, conselhos e elogios. Vocês me inspiram! Aos demais colegas do Jornal Correio, em especial a Adelson, Maguila, Marina, Naldo e Oliveira, meus melhores parceiros de pauta.

À Aline D'Eça, Maiama Cardoso, Manuela Damasceno e demais membros da Cecom do Ministério Público do Estado da Bahia;

A Claudio Cardoso, Laryne Nascimento e equipe do Altamedia;

A Karina Costa, Raíza Tourinho e demais colegas da Rede CoVida - Ciência, Informação e Solidariedade.

À Catarina Marcolin e Jana del Favero e demais voluntárias do Bate-papo com Netuno.

À Faculdade de Comunicação da UFBA (Facom), em especial às professoras Mariluce Moura, Malu Fontes e Maria Carmem Jacob de Souza.

Aos professores Adolfo Calor, Elizabeth Neves e Rodrigo Johnson, do IBio/UFBA, e à minha orientadora do mestrado, Luciana Casais, que de algum modo estiveram ao meu lado também nesse novo rumo.

Aos queridos amigos da Facom/UFBA, em especial a Alana Brasil, Levy Teles, Felipe Iruatã, Hilza Cordeiro, Milena Teixeira, Onildo Jr. e Rodrigo Dourado. À Cristiane Schwinden e Ariadny Araújo, minhas melhores parceiras de trabalho e cafezinho!

Aos meus amigos que sempre me acompanharam e deram força, em especial a André Mendonça, Bruna e Dilza Dultra, Daniel e Rose Capelli, Daniele Vich, Eliana Rosa, Ligia

Leal, Maria Isabel Barros, Marcos Krull (Buru), Paula Velasco, Tatiane Martins e Ramon Araújo, Tati Almeida e Erze Gomes.

À Claria (Clara Velasco) e Ma (Marina Pinhoni), que com seu exemplo e torcida sempre me incentivaram a ser jornalista.

À minha família, em especial tia Tereza, tio Hemetério, tia Ceres, vovó Silvana, Carol Marques, Fran Carvalho, Beloca, Beto, Carol Moreira, Gigi, Jaque, Joicy e Taís Moreira; a meus sogros João e Márcia Vital.

À Ângela de Oliveira por todo apoio, atenção e carinho com meus pais;

A todas as fontes que entrevistei.

Todos vocês enriqueceram minha formação pessoal e profissional nesses últimos cinco anos, e me ajudaram a fazer um deleite dessa caminhada.

Hoje sou jornalista, e sei que essa conquista significa tanto para mim quanto para vocês: pai, José Moacir Saraiva, e mãe, Telma Saraiva, obrigada pelo apoio, pelo incentivo, pelo exemplo e pela maior torcida que eu poderia ter; meu irmão, Mateus Saraiva, e minha amiga/cunhada, Fran Schneider, obrigada por todo carinho e suporte; e João Victor, meu marido, melhor amigo e parceiro das delícias, lutas, conquistas e sonhos: “Eu, com você, sou muito mais!”. Obrigada.

“Sem raiz não há vôo possível”

(Adriana Martínez, 2020)

RESUMO

O livro-reportagem é um produto que utiliza métodos jornalísticos para tratar de histórias reais utilizando algum grau de retórica literária. Este memorial descreve o percurso de concepção e produção do e-book “Cerâmica: histórias feitas em uma panela - livro-reportagem sobre as Olleras Cooperativas”. Para narrar a história do coletivo, foram incorporadas práticas de jornalismo biográfico e etnográfico. O trabalho de campo foi realizado em diferentes cenários entre março/2019 e março/2020, nos quais foram aplicadas entrevista semi-estruturada, observação participante e observação não-participante como um meio de coleta de informações sobre a rotina da cooperativa. Como resultado, o e-book reúne uma grande reportagem, que conta sobre o trabalho artesanal de construção de panelas pré-colombianas desenvolvido pelas ceramistas argentinas, e o contexto e sentidos compreendidos nele, além de perfis que abordam as histórias de cada uma das artesãs, situando como elas se relacionam ao coletivo e às mudanças por ele proporcionadas.

Palavras-chave: livro-reportagem, jornalismo, jornalismo etnográfico, biografia, perfil, cerâmica, artesanato

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. JUSTIFICATIVA	13
2.1. OBJETIVOS	13
3. REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1. ANTECEDENTES INVESTIGATIVOS	15
3.2. LIVRO-REPORTAGEM	17
3.3. JORNALISMO ETNOGRÁFICO	20
3.4. HIPÓTESES	23
4. MÉTODOS	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
6. REFERÊNCIAS	28
ANEXO A - Entrevista com Adriana Martínez	32

1. INTRODUÇÃO

Berço de muitos artistas e movimentos culturais, a região Nordeste do Brasil é conhecida internacionalmente por ter identidade artística própria, expressa em seus diferentes estilos musicais, danças, festas populares, filmes, obras de teatro e artes plásticas. Nascida em Salvador da Bahia, sempre me interessei pela cultura nordestina. Sob a influência de minha mãe e de uma tia, fãs de artesanato, as peças que eram feitas manualmente sempre me chamaram a atenção por sua qualidade e criatividade, além de originalidade e tradição.

Atuando como jornalista, comecei a conhecer histórias sobre a vida dos(as) artesãos(ãs) e o meu interesse pelo artesanato cresceu ainda mais. Mais tarde, notei que o trabalho do(a) artista resulta de toda a sua experiência acumulada. As crenças de uma cultura, as tradições da região e a trajetória do(a) autor(a) refletem-se no conceito, cores, texturas e formas das peças. Dessa forma, procurei ativamente as histórias dos(as) nordestinos(as) que faziam essas peças. E assim, à medida que avançava no conhecimento delas, as obras me pareciam ainda mais bonitas, inspiradoras e, os contextos nos quais foram desenvolvidas, inevitáveis de serem contados.

Quando comecei a planejar meu trabalho de conclusão de curso (TCC), me interessei por conhecer e contar sobre grupos de mulheres rendeiras. A confecção da renda constitui um conhecimento compartilhado entre gerações de uma família ou bairro. Hoje, essa arte ainda é muito importante como forma de alcançar a autonomia financeira das mulheres, além de ser um exemplo importante e característico de um produto cultural do Nordeste do Brasil. Portanto, quando surgiu a oportunidade de realizar um trabalho etnográfico na Argentina, não tive dúvidas sobre o campo que escolheria: mulheres artesãs que trabalhavam em conjunto.

Vivi em Buenos Aires de fevereiro de 2019 a março de 2020 como estudante do Programa de Mobilidade Acadêmica da UFBA. Escolhi a Universidade Nacional de San Martín (Unsam) por estar localizada na Grande Buenos Aires, onde eu queria morar. Optei por disciplinas de cursos que complementaríamos minha formação de comunicadora e que ajudariam no meu TCC, como Ciências Políticas, Artes e Antropologia.

O presente trabalho foi iniciado com uma investigação etnográfica do grupo de artesãs Olleras Cooperativas¹, que produz e vende painéis de cerâmica de estilo pré-colombiano. Escolhi me dedicar à etnografia considerando que seria uma boa

¹ O termo Cooperativas no nome do coletivo se refere à forma de trabalho mais igualitária e horizontalizada, e não em cooperativa como entidade prevista no regime legal e determinada pela Lei Nacional 20.337/73 da República Argentina.

ferramenta no meu trabalho de campo como jornalista, ainda que utilizada de modo tácito. A técnica me permitiu interpretar e analisar a geração dos sentidos da economia anticapitalista e o desenvolvimento e efeitos da emancipação através da produção artesanal. Com o avançar do trabalho, percebi que esse seria o método central do meu TCC.

Determinante em uma série de mudanças e caminhos na minha carreira e também na minha estadia na Argentina, cursei a matéria “Etnografia e métodos de pesquisa em antropologia social” ainda no primeiro semestre. Para os estudantes do curso de Antropologia Social e Cultural do Instituto de Altos Estudios Sociales (Idaes/Unsam), a disciplina teórico-prática se propõe a embasar a primeira aproximação entre o graduando e o grupo que ele pretende investigar para desenvolver seu TCC. Fui orientada pela professora titular Valeria Hernandez e pela professora assistente Ana Fabaron a buscar algo correlato entre o que a disciplina propunha e o que eu tinha pensado para o meu TCC em jornalismo na UFBA.

Embora grupos de artesãos, como as rendeiras, sejam comuns no Nordeste do Brasil, na Grande Buenos Aires (GBA) tive dificuldade em encontrar essas associações. Na minha pesquisa, fui às feiras no bairro de Mataderos, na cidade do Tigre, a lojas especializadas em artesanato (toda a rede 'Arte y Esperanza') e conversei informalmente com algumas pessoas. Encontrei principalmente artesanato feito individualmente, por grupos étnicos vivendo isolados ou desenvolvido por pequenos núcleos familiares.

Sem sucesso, decidi sair e procurar alternativas por outros meios, como o Facebook e o Instagram. Foi assim que conheci o coletivo Olleras Cooperativas, por indicação de Míriam Brugmann, uma artista argentina que eu vinha acompanhando no Instagram há alguns anos. Ainda em março fiz meu primeiro contato com as Olleras, por e-mail. A resposta foi rápida e a imersão no trabalho foi intensa, com pelo menos um encontro semanal de 4h realizado a partir do final de março. Com um espanhol ainda incipiente, fiz em abril a primeira das várias viagens que faria com elas pela Argentina, e também no exterior. A acolhida foi imediata, apesar da minha timidez e da pouca fluência na língua. A admiração pelo trabalho e pela dinâmica do grupo rapidamente cresceu. Me encantou o trabalho manual, a prática alinhada a questões ambientais, nas quais elas acreditam e sobre as quais discursam sem demagogia, e o foco na cultura latino-americana. Eu não estava conectada a nenhum desses assuntos, e para mim foi assustador em um momento estar nesse lugar. Me senti alheia ao que estava ao meu redor, seja em Buenos Aires ou em Salvador. Vi ali uma oportunidade única como profissional, e sabia que o contato com um mundo completamente desconhecido me enriqueceria como ser humano.

O trabalho delas era muito bom, inédito e brilhante, precisava ser contado. Em maio, decidi aproveitar a experiência que estava vivendo para desenvolver meu TCC. Quis fazer um livro, que, além da realização de um sonho, me pareceu o modo mais democrático e

factível de divulgar histórias tão inspiradoras. Embora tivesse mudado o foco, encontrei muitas semelhanças entre as rendeiras que eu queria ouvir e as paneleiras argentinas que conheci. Mesmo no início da pesquisa, eu já havia notado que se tratavam de mulheres cujo ofício era responsável por inúmeras mudanças positivas nas suas vidas. Também aproveitei muitas das discussões e aprendizados que tive anteriormente com a professora Maria Carmem Jacob de Souza na disciplina Elaboração de Projetos de Comunicação (COM116) - tamanha sua importância, fiz questão de escrever para a professora quando comecei o trabalho na Argentina e quando decidi mudar meu TCC.

Minha apuração foi feita em simultâneo ao aprendizado do castellano. Nos meus primeiros encontros com as Olleras, eu tomava mais notas das minhas impressões que do que eu escutava, porque eu mal entendia o que elas diziam. Hoje, devo meu vocabulário vasto às conversas que tínhamos na oficina. Ao mesmo tempo, assistia aulas de política, de etnografia, escrita de TCC e de técnica vocal e corporal. Me matriculei num curso de costura, e aproveitei para conhecer a Argentina e explorar Buenos Aires.

Liderado pela ceramista Adriana Martínez, o grupo Olleras Cooperativas surgiu em julho de 2018 e era composto por sete ceramistas da GBA, com idades entre 30 e 55 anos à época da pesquisa (2019-2020). O grupo está organizado e coordenado em suas tarefas, planejamento e rotina. Como no trabalho de confecção, o benefício econômico da venda de cada panela é dividido entre todas, independentemente de quem a fez.

Financeiramente, o grupo se sustenta com a venda de painéis e com os cursos que promovem em Buenos Aires e em outras cidades do país. Adriana explica que, desde o início, pensou em criar um grupo de trabalho somente para mulheres: “Gosto particularmente do trabalho coletivo e é por isso que foi como uma chamada. Pessoas que vinham à oficina, mulheres, que também precisam de alguma forma do desenvolvimento econômico” (MARTÍNEZ, 2019).

A cooperativa fabrica painéis de cerâmica de modo completamente manual no atelier localizado na cidade de Avellaneda (GBA). “Converter a terra em forma, envolver o vazio, limitá-lo com as mãos, esse ato nos faz felizes”, dizem (Olleras Cooperativas, 9 de setembro de 2019). Com a fabricação das peças, elas buscam retomar as tradições dos povos pré-colombianos que viviam na Argentina: do modo de preparar e modelar o barro às formas e desenhos decorativos das painéis, tudo é feito com base em registros e estudos arqueológicos da cerâmica pré-colombiana. Elas se informam sobre a cerâmica pré-colombiana em visitas a museus, através de livros especializados e em conversas com especialistas.

O processo de produção é realizado em conjunto, seja entre elas ou com seus alunos. Para citar apenas alguns passos: são necessárias várias pessoas para misturar e preparar a pasta de argila; a produção é feita enquanto todas as pessoas estão sentadas em

torno de uma mesa; a forma côncava da panela é dada batendo levemente em um disco de argila sobre a cabeça de outro; e, finalmente, a queima requer um trabalho de várias pessoas que alimentam o fogo com lenha e removem as peças quentes do forno para impermeabilizá-las.

Os processos envolvidos no trabalho da cooperativa foram resumidos em um post no Facebook no qual apresentaram uma nova integrante: “ (...) nossas rodadas de terça e quinta-feira, onde conosco o barro se transforma em panelas, lugares onde a comida foi preparada, espaços de transformação transformados em nossas horas de mulheres Olleras. Bem-vinda às nossas andanças coletivas de feiras e cursos e para multiplicar a possibilidade das pessoas construir sua própria panela” (Olleras Cooperatives, 13 de agosto de 2019).

Nos dois encontros semanais, as refeições são um momento de reunião e comunhão da cooperativa. Enquanto desfrutam do almoço, sempre preparados nas panelas de cerâmica, elas tomam decisões administrativas e operacionais sobre o grupo, fazem planos para cursos e outras atividades, além de conversar informalmente. A responsabilidade de escolher e preparar o menu é delegada a uma das integrantes em cada reunião, em datas previamente estabelecidas entre elas. A convivência e o trabalho na cooperativa podem modificar o estilo de vida, como comecei a perceber logo de início. Em conversas informais, algumas Olleras me contaram sobre mudanças em sua visão sobre a vida e sobre o trabalho após ingressarem na cooperativa. Algumas das coisas comuns que surgiram foram uma "maior preocupação com a origem dos alimentos" e outros produtos que eles consomem, bem como um maior "orgulho" e "felicidade" no trabalho.

As mudanças históricas e tecnológicas impactaram sobre os sistemas econômicos, as relações sociais e trabalhistas e também na preparação e consumo de alimentos, especialmente nas áreas urbanas. De acordo com Corona (2016), estar organizadas em coletivo para enfrentar o capitalismo clássico oferece às mulheres ferramentas para se capacitarem através da formação de consciência sobre a subordinação de gênero. Isso também contribui para a promoção de aspectos sociais e ideológicos que constituem esse tipo de desenvolvimento equânime. Portanto, a transformação da realidade é uma consequência comum dos grupos de mulheres que compartilham um trabalho (CORONA 2016, p 112-115). Assim, proponho explicar que a reprodução de técnicas pré-hispânicas pelas Olleras também colabora para essa mudança de perspectiva.

Voltei para o Brasil em março de 2020 para assistir às aulas. Meu plano era concluir o curso no final do ano. Com a pandemia, não piso na Facom há dois anos e meio. Minhas prioridades mudaram: eu e meu marido, João, ainda sem casa, moramos um tempo com meus sogros, em Salvador, depois fomos para Valença, ficar com meus pais. Me inscrevi como voluntária da Rede CoVida - Ciência, Informação e Solidariedade e descobri que

trabalho bem com divulgação científica (embora os pesquisadores nem sempre apoiem minhas escolhas). Gostei tanto que continuo ainda hoje na Rede, escrevendo matérias e elaborando material para redes sociais, baseados em textos acadêmicos. Tentei algumas vagas de trabalho e o estágio dos meus sonhos, fui reprovada em todos. Me apaixonei por cuidar de plantas, e o jardim dos meus pais é testemunha disso, e me dediquei à costura. Sou especialista em ponto reto torto, mas quem sabe não melhore após o TCC?

No segundo semestre, consegui me matricular no Semestre Letivo Suplementar na penúltima disciplina de orientação do TCC e na optativa Seminários de Atualização em Jornalismo, mas ainda me faltavam obrigatórias. Agora, no meu último semestre, consegui cursar Comunicação Política e Oficina de Telejornalismo junto ao TCC. Não satisfeita, me matriculei em Oficina de Fotografia, que além de um aprendizado sobre cinema, me proporciona ótimas discussões sobre cultura e sociedade nas noites de sexta-feira. Meu marido e eu resolvemos nos isolar de todos para que eu terminasse o trabalho - e porque continuamos sem casa desde que voltamos (quem não pensou que a pandemia duraria dois meses?). Viemos com Gita, nossa “cachorrossaura”, para Minas, voltamos para o Capão e então para Itacaré. Escolhemos cidades agradáveis para nos isolar e viver. Não turistamos - ele continua trabalhando em *home office*, e eu com aulas remotas. Mas conseguimos aproveitar as delícias de viver em cidade pequena, com comida boa e paisagem estonteante, mesmo quando vista de casa.

Decidi eu mesma diagramar o livro. Primeiro, tentei pelo Canva, que já tenho familiaridade. Na procura de template de capa, encontrei o Crello, ferramenta espetacular, de fácil manejo e também gratuita. Acho que diagramar meu livro foi a condecoração de tantas horas dedicadas ao Canva e ao Powerpoint, que, desde a graduação em biologia, era motivo de reclamação de colegas que exigiam mais celeridade nos trabalhos de grupo. Mesmo com a falta de conhecimento técnico e as travadas homéricas que o programa dá, não me arrependo de ter tomado a decisão de diagramar eu mesma meu produto.

Ainda mantenho contato com as Olleras e não vejo a hora de reencontrá-las. Espero que o livro consiga dar aos leitores uma ideia da complexidade e importância do grupo. Conviver com um trabalho cooperativo de sete mulheres, coerentes nos seus valores e objetivos, me inspirou e me mudou, para melhor. Espero que com esse livro, essas histórias alcancem mais pessoas, e também as possa inspirar.

2. JUSTIFICATIVA

Os livros constituem um instrumento utilizado como “fonte de registro e transmissão do conhecimento”. Com o avanço da tecnologia, a seleção, armazenamento, recuperação e disseminação de informação, que antes era feita por livros impressos, é apresentada digitalmente através dos e-books (BENÍCIO e SILVA, 2005). Conhecer a trajetória e o perfil do artista permite identificá-lo em um contexto, além de traduzir sua natureza e seu significado ao situar os princípios e práticas que conformaram o trabalho (SCHWARCZ, 2013).

A apresentação do grupo das Olleras Cooperativas, da evidência dos efeitos de seu trabalho nas suas trajetórias pessoais, além da descrição de sua organização e dos bons resultados alcançados por elas numa lógica diferente de gerar insumos podem funcionar como incentivo para mulheres latino-americanas buscarem alternativas na economia capitalista. Por fim, unir o método etnográfico com a escrita de um livro-reportagem é um ótimo exercício para aperfeiçoamento das técnicas jornalísticas que venho aprendendo em cinco anos de curso.

2.1. OBJETIVOS

Objetivo geral

Elaborar livro-reportagem digital a partir da observação, descrição e interpretação do trabalho das Olleras Cooperativas para entender e transmitir de que maneira a elaboração de painéis de cerâmica gera emancipação, além dos sentidos que dão forma à economia anti-capitalista na qual se insere a atividade do coletivo.

Objetivos específicos

- Caracterizar a produção de painéis de cerâmica pré-colombianas e descrever o trabalho artesanal desenvolvido pelo grupo Olleras Cooperativas.
- Determinar e analisar o modelo econômico desenvolvido pelas Olleras e os processos simbólicos envolvidos em seu trabalho;
- Escrever reportagem e perfis das Olleras, explorando suas trajetórias individuais e as relações sociais entre as integrantes da Cooperativa;
- Apresentar, através das reportagens, a relação entre o trabalho na Cooperativa e os processos de emancipação individual relatados pelas Olleras;

- Desenvolver um livro-reportagem digital reunindo fotos, grande reportagem, os perfis das ceramistas e das panelas e textos auxiliares sobre o contexto econômico argentino.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. ANTECEDENTES INVESTIGATIVOS

O artesanato traduz a atividade de um povo, ainda que seja desenvolvido por uma pessoa ou um grupo reduzido. A produção artesanal é uma importante expressão de identidade e diversidade cultural. Ela enriquece o patrimônio histórico, simbólico e artístico da região. O artesão lida com muitas dificuldades relacionadas à administração do seu trabalho. Nesse contexto, a promoção de seu nome e de seu legado como artista, assim como as atividades administrativas e comerciais relacionadas ao seu trabalho são muitas vezes relegados (ANDRADE, 2015).

Muitos tipos diferentes de artesanato coexistem. Com suas panelas de cerâmica, as Olleras se preocupam em criar um objeto funcional que seja igualmente artístico. O chamado artesanato artístico resgata a dedicação dos antigos artesãos e é produzido em pequena escala, porque exige uma entrega de tempo para confecção das peças. Ele tem um nível técnico, estético e profissional mais apurado que os classificados como “artesanato de feira”, além de alto valor cultural e maior valor agregado no mercado (CHITI, 2003 *apud* SERAFIM, 2015; ANDRADE, 2015). Esse tipo de trabalho é originário de misturas culturais e de referências múltiplas e vem contribuindo diretamente tanto para transformação formal do artesanato, quanto para todos os processos de produção e comercialização (SERAFIM, 2015).

Alguns estudos avaliam as técnicas e as imagens da cerâmica pré-colombiana na arte contemporânea latino-americana. Tarela (2018) argumenta que a "recuperação na avaliação de tarefas humanas" ocorreu nos últimos anos e vem transformando as diversas práticas artísticas, como a cerâmica. A lembrança e os significados simbólicos e sociais são rastreáveis na arte não indígena contemporânea. Além disso, a referência à arte pré-colombiana não exige necessariamente “resgates, reproduções ou tributos explícitos” (AHUMADA, 2017). No entanto, esses artigos avaliam os contextos de retomada desse tipo de arte e seus significados, mas não abordam relações de gênero, questões econômicas e impactos trabalhistas envolvidos nesse cenário.

O termo pré-colombiano não qualifica uma unidade cultural, mas uma variedade de obras de arte feitas na América em um período anterior ao contato com os europeus (GONZÁLEZ, 1977, p. 23). Além de aumentar o valor social do produto, o uso de panelas que se referem à arte pré-colombiana está associado a noções e conceitos sobre a importância do conhecimento da cultura e a aproximação a tradições e história dos antigos habitantes, nesse caso, da Argentina. Esses sentidos são reiterados pela cooperativa em

seus discursos e práticas em defesa do meio ambiente, em apoio às lutas originárias, e endossando o uso e consumo de materiais saudáveis e o trabalho autogestivo e cooperativo feito por mulheres (Revista Cerámica de Argentina, 2019).

As desigualdades econômicas internas dos países latino-americanos refletem-se em diferentes níveis, como na distribuição de responsabilidades entre homens e mulheres. A construção social da capacidade de cuidado das mulheres está fortemente enraizada e reproduzida na esfera doméstica, na tradição, educação e outras instituições (ENRÍQUEZ 2018, p 133 a 135). Em conversas anteriores, uma das Olleras, habituada a cuidar da família e da casa em tempo integral, me relatou não se sentir bem no início do trabalho no grupo. Isso porque ela não podia estar com sua família aos domingos, e não sabia como eles fariam comida e como passariam o dia em casa sem ela. Me disse que hoje não se sente mais culpada, embora esteja passado ainda mais tempo trabalhando com a cooperativa, incluindo fins de semana completos, além dos dois dias fixos semanais. Enríquez (2018, p 136) conclui que a reprodução social da responsabilidade assistencial faz com que as mulheres se imponham o cumprimento dessas responsabilidades e “se sintam culpadas quando as querem ou devem delegá-las”.

As estratégias e métodos de trabalho coletivo que resultam no processo de empoderamento foram avaliados por Corona (2016) em um estudo realizado com moradoras de zonas rurais no México. Os resultados de sua pesquisa mostram que o trabalho em organizações locais de mulheres que compartilham o gerenciamento de recursos e o processo organizacional aumenta a confiança e a valorização das entrevistadas como pessoa. Além disso, a percepção e o reconhecimento do progresso de suas próprias competências desenvolvem o empoderamento na esfera pessoal e transcendem ao relacionamento doméstico e outros relacionamentos próximos.

O padrão de consumo atual intensifica as condições de exploração da força de trabalho, principalmente em contextos de crise (SOUSA e NEVES, 2011). O setor de economia anticapitalista, do qual as Olleras fazem parte, vem crescendo nos últimos anos. Ao inventar uma alternativa a esse modelo, os ativistas se propõem a construir outro tipo de vida e mostrar que estão em desacordo à exploração do capitalismo clássico (DECHEAUX, 2020).

O movimento anticapitalista não é facilmente identificável por sua pluralidade. Por responder várias questões não só econômicas, mas também políticas e simbólicas que decorrem do capitalismo, as iniciativas desse formato são diversas (DECHEAUX, 2020). No caso da economia solidária, uma das faces da economia anticapitalista, é incorporada a produção de valor de forma autônoma, buscando “estabelecer relações socioeconômicas equitativas e democráticas que priorizem a satisfação das necessidades humanas por meio de relações horizontais” (SARRIEGI & RUIZ 2018, p 61).

A economia solidária busca incluir as atividades desenvolvidas por todas as pessoas vulneráveis nas relações estabelecidas pelo mercado capitalista (RUIZ 2018, p 57 a 60). Ao contrário da relação clássica de um contrato entre empresa, empresário e empregado, Singer (2002) define que o modelo de economia solidária é caracterizado por uma associação entre iguais na produção, comercialização, consumo ou reserva, sem competição entre os parceiros. O mesmo direito de escolha em todas as decisões e posse do mesmo capital entre todos é a norma básica nesse tipo de cooperação (SINGER 2002, p 09).

O tipo de relação trabalhista estabelecida pela economia anticapitalista tem um papel de destaque no empoderamento dos artesãos. O empoderamento como estratégia de “geração de energia para mulheres”, de acordo com Corona (2016), foi acima de tudo “um produto da experiência das organizações de mulheres no Terceiro Mundo”. Nesse contexto, a atividade artesanal constitui uma ferramenta para o desenvolvimento da autonomia das mulheres, em detrimento das relações de dependência e subordinação nos níveis familiar e extrafamiliar (CORONA 2016, p 112 e 113).

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo investigar quais são os sentidos de trabalho anticapitalista compreendidos na construção artesanal de painéis de cerâmica pré-colombiana por um coletivo de artesãs argentinas, assim como a geração de emancipação decorrente desse tipo de trabalho. Para compreender e descrever os fenômenos sociais desenvolvidos entre as Olleras e chegar a esse objetivo, foi escolhida a etnografia como método de trabalho.

3.2. LIVRO-REPORTAGEM

O livro-reportagem é um produto que utiliza métodos jornalísticos para tratar de “fenômenos reais”, sem descartar “nuances literárias”. Ele pode partir de uma série de matérias já veiculadas, ou de um projeto orientado para publicação em livro (ROCHA e XAVIER, 2013). Para produzir o livro “Cerâmica: histórias feitas em uma panela”, comecei de um projeto orientado com esta finalidade, embora tenha me baseado em textos que já tinha escrito sobre o assunto. Dentre os 13 tipos de livro-reportagem propostos por Lima em 2004 (*apud* ANDRADE, 2018), esse livro se enquadra na classificação de livro-reportagem-retrato, que tem como foco:

(...) uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade-econômica ou uma instituição (pública, privada ou terceirizada), para traçar o retrato do objeto em questão (mecanismos, problemas, complexidade), familiarizando-o ao grande

público e, assim prestando um serviço educativo e elucidativo (LIMA, 2004 *apud* ANDRADE, 2018)

A produção de um livro-reportagem envolve uma série de questionamentos internos que são “questões do campo jornalístico”, ainda que não sejam plenamente conhecidos “os meandros teóricos” que foram atravessados no percurso, como conclui Maciel (2017) em artigo. Hoje, invariavelmente, os jornalismo são múltiplos. E o livro-reportagem permite o trânsito entre eles, “embora um possa se sobressair ou não” (ROCHA e XAVIER, 2013). Os adjetivos que delimitam os gêneros do jornalismo, como etnográfico, investigativo ou lento (“*slow*”), marcam uma espécie de “desvio” do jornalismo tradicional, como notícia (LE MASURIER, 2016). A abordagem utilizada neste trabalho se aproxima do jornalismo literário, como descreve Rocha e Xavier (2013), com retórica mais livre ao invés do *lead* estruturado, e inversão da pirâmide invertida. Para Maciel, o jornalismo literário não se diferencia de outros tipos no resultado do texto, mas:

(...) no processo de apuração multiangular, no tempo disponível para ponderar o volume imenso de descobertas, no espaço maior do livro, que podem permitir, isso sim, uma descrição mais fiel dos ambientes e personagens. Não se trata de semear o texto com floreios, adjetivá-lo, mas conferir consistência interpretativa na narrativa final (MACIEL, 2017).

Minhas inspirações, conscientes e inconscientes, foram os livros “Tramóia: histórias de rendeiras”, de Regina Dalcastagne (2017), “O Fole Roncou: uma história do forró” (2012), de Carlos Marcelo e Rosualdo Rodrigues, e “Os Sertões”, de Euclides da Cunha (1902), que têm elementos de jornalismo etnográfico, literário e biográfico. A leitura desses livros me fez adentrar nas histórias de tal modo que me senti integrante das paisagens descritas. Os três também mudaram algo na minha percepção do contexto onde vivo.

A liberdade de pauta é uma característica do livro-reportagem. O autor tem atuação parecida com a de um historiador, buscando uma série de fatos, e também como um jornalista, selecionando um “fato único” (ROCHA e XAVIER, 2013), mas com poder de escolha do tempo em que serão narrados os fatos. A própria estrutura do jornalismo literário permite privilegiar a cronologia dos fatos (ROCHA e XAVIER, 2013), embora eu tenha optado por não seguir uma linearidade temporal dos fatos. Lilia Schwarcz (2013) afirma que os processos biográficos não seguem uma sequência cronológica, nem uma sucessão de causas e efeitos. Ela explica que “a noção de causalidade harmônica só pode ser lograda a *posteriori*”, quando se busca atribuir sentido às atividades analisadas.

Por isso, o livro-reportagem se adequa à biografia ou ao relato histórico, sendo imprescindível o contato com as fontes, além de apuração e checagem das informações (LÜERSEN e PAIM, 2020). Para Gonçalo Silva Junior (2019), o jornalismo biográfico é “um trabalho jornalístico de investigação” no qual a história é narrada a partir de fatos e apresentando um contexto social, econômico, político e cultural. Sobre as liberdades narrativas possibilitadas pelo livro-reportagem, Alexandre Maciel explica:

Como lidam por longo tempo com o tema ou personagem central dos seus respectivos livros, os jornalistas escritores têm condições de refletir com acuidade sobre a linha de força central que norteará sua obra e pensar sobre as melhores maneiras de dispor tantos aspectos apurados em forma de uma narrativa coerente e atraente (MACIEL, 2017).

Para narrar a história do coletivo Olleras Cooperativas, incorporei também práticas de jornalismo etnográfico, que será discutido na próxima seção, e biográfico. Abordei o coletivo em uma grande reportagem, além de oito perfis para contar as histórias de cada uma das artesãs integrantes, situando como elas se relacionam ao coletivo e às mudanças por ele proporcionadas. Elas são sete mulheres comuns, que atuavam como donas de casa, cuidadoras da família ou em empregos regulares, mas que estavam em busca de um propósito para além dos papéis que a sociedade lhes havia disponibilizado. São exemplos de “como merecer uma biografia sem merecer uma posição ao sol”, como define Schwarcz (2013). Para Medina (2003), citado por Maciel (2017), pesa para o leitor a identificação com biografados anônimos e suas histórias.

Outro perfil do livro detalha a panela que elas produzem e há ainda textos de apoio abordando temas relacionados, como a questão da mulher e trabalho na Argentina, o significado do termo pré-colombiano e o Mercado de Economia Solidária de Bonpland. Acredito que esses complementos são importantes para situar o contexto histórico e político no qual o coletivo se insere, afinal, situar também é localizar “as convenções que formaram e informaram o autor” (SCHWARCZ, 2013). Segundo o Manual da Folha de S. Paulo (2015: 23), os textos de apoio “de caráter explicativo, didático e analítico” podem consistir em diversos recursos, como explicações didáticas, apresentação de personagens e gráficos, e “são essenciais à leitura em um mundo de especialização e segmentação dos interesses”.

A grande reportagem produz um material denso como resultado de um trabalho reflexivo que se debruçou em uma apuração profunda. Ela requer pelo menos três meses de trabalho e, por isso, é cada vez mais rara nas redações (ANDRADE, 2018; MEDEIROS, 2018). Para Yara Medeiros (2018), uma “marca indelével da grande reportagem brasileira” é

o protagonismo de pessoas comuns. No caso deste trabalho, tratei de pessoas comuns que estão organizadas em um coletivo. Neste tipo de narrativa, afirma a autora, o jornalista se entrega nas “histórias e naquilo que é exótico e/ ou distante dele pela geografia ou por questões socioculturais”.

Com foco em um personagem, o perfil e a biografia são similares (ORMANEZE, 2017). Para Vilas Boas (2009 *apud* Ormaneze, 2017), o perfil é uma “reportagem biográfica”. Ambos, junto com os obituários, são exceção dentre os gêneros jornalísticos informativos por incluir em sua definição a ideia de subjetividade, mesmo que ela seja atribuída a ou originada no personagem (ORMANEZE, 2017). Para o autor, o que interessa nesse tipo de texto é:

(...) a capacidade de essa pessoa ser ela mesma a própria informação, trazendo dados do contexto quando se trata de um personagem que ilustra uma determinada situação, ou então, focalizando apenas a sua trajetória de vida, se assim se justificar (ORMANEZE, 2017).

No livro, também foi utilizado um infográfico para representar o processo de fabricação da panela. Os infográficos são ferramentas de fácil e rápida visualização e interpretação de dados e conteúdos com estruturas detalhadas e complexas, uma maneira única de apresentar visualmente informações sintetizadas (OZDAMIL e OZDAL, 2018). Infográficos são representados em forma de desenho no qual se mostram as relações entre as diferentes partes de um conjunto ou sistema (CAIRO, 2008). Adotei essa estratégia como um modo diferente de abordar um tema que é de difícil compreensão e visualização do todo. O infográfico permite a identificação das variações e tendências nos dados, além da comparação, classificação e correlação entre as variáveis em menos tempo e com menos esforço que se os dados fossem apresentados de maneira bruta ou em forma de texto (CAIRO, 2011).

3.3. JORNALISMO ETNOGRÁFICO

De acordo com Guber (2011), o enfoque etnográfico permite observar, entender e descrever os eventos nos quais estão envolvidos os sujeitos sociais a partir da perspectiva dos membros de um grupo social. Desse modo, afirma a autora, “os agentes são informantes privilegiados, porque somente eles podem dar conta do que pensam, sentem, dizem e fazem com relação aos eventos que os envolvem” (tradução nossa). A entrada do pesquisador em um campo social, onde o conhecimento é produzido, marca o início da

experiência etnográfica (ALTHABE, 1999). Esta entrada é negociada com os jogadores, nesse caso, as Olleras, e é permitida com mais ou menos condições.

Embora de definição imprecisa, a etnografia consiste nas atividades designadas como “trabalho de campo”, e no conhecimento social produzido a partir da “interpretação-descrição do que o pesquisador viu e ouviu” (GUBER, 2011). A fundamentação no “compromisso com a interpretação cultural” é característica da etnografia (Walcott *apud* BIRD, 2005). A prática de imersão nas comunidades não é novidade no jornalismo, em especial no jornalismo lento (“*slow journalism*”) (LE MASURIER, 2016) e no jornalismo interpretativo, que é tendência nos últimos anos (HERMANN, 2014). Entretanto, só recentemente o “jornalismo etnográfico” vem sendo qualificado como tal, como mostra Hermann (2014). A autora o explica como “o uso de estratégias de imersão científico-social, como a observação participante, e a simultânea remodelação da composição epistêmica do jornalismo” (tradução nossa).

Um princípio fundamental deste processo é a “sábua ignorância” do pesquisador à qual se refere Guber (2011). Isso contrasta com a postura clássica do jornalismo, já que os atores, ou “personagens”, são delimitados em estereótipos claros e descontextualizados (LAGO, 2010). Para entender o jogo social que é desenvolvido, o etnógrafo deve estar ciente de seu desconhecimento, além de submeter-se a um jogo reflexivo no qual questiona-se e dá-se conta de suas próprias certezas - a tarefa de compreender invariavelmente o expõe a erros de opiniões pré-existentes que não são confirmadas no campo social. É uma tarefa permanente ter alteridade e entender as informações manifestadas em seus próprios termos (GUBER, 2011; GADAMER, 1999). Lilia Schwarcz ressalta que nossos repertórios condicionam nosso olhar:

Nunca vemos livremente uma tela, um documento, ou até mesmo um personagem, porque nosso olhar, nossas questões e pontos de partida estão sempre condicionados e viciados por nossos filtros culturais e equacionamentos de época (SCHWARCZ, 2013).

Os campos jornalístico e etnográfico têm semelhanças, como ressalta Lago (2010). Ambos utilizam informações fornecidas por jogadores, no caso da etnografia, ou por fontes, no caso dos jornalistas, para “construir narrativas sobre a alteridade”. Ambos utilizam o discurso dos envolvidos e a observação para construir sua narrativa - embora no jornalismo a base seja principalmente o discurso, a observação também é admitida. Ambos interferem no meio sobre o qual a narrativa é construída, entretanto, ao contrário do jornalismo, a etnografia assume a subjetividade como fator inerente de sua observação e análise, e o jornalismo, segundo a autora, “apega-se à noção de que há uma objetividade possível no

relacionamento com suas fontes”. Em entrevista sobre seu trabalho de escrever uma reportagem após pesquisa etnográfica, Ted Conover confrontou sua postura de jornalista com a de etnógrafo, ou observador-participante, para explicar a diferença entre fazer imersão no campo e tentar ser participante dele:

[como jornalista] Sentia que tinha tanta experiência que poderia escrever sobre isso com autoridade, mais do que se eu visitasse essa família. Quando você está numa experiência de imersão você começa a identificar seus próprios assuntos. Depois de dois meses trabalhando na prisão, meus colegas oficiais, se tornaram meu “nós”. Eu tinha os mesmos desafios que eles tinham e comecei a pensar cada vez mais como eles pensavam. (...) Fiquei mais próximo do participante do que eu esperava (CONOVER, 2017, tradução nossa).

A realidade que se apresenta vai sendo identificada pelo observador-participante com as práticas e noções próprias dos atores que, a princípio, são desconhecidos (GUBER, 2011). Consequentemente, à diferença da prática tradicional, o jornalista etnográfico não decide e nem conhece previamente a história que ele quer extrair. Ele deixa as atividades dos atores acontecerem normalmente e coleta material para, então, evocar a história (HERMANN, 2014). A dialética do movimento entre a estrutura de sentido gerada no campo e a estrutura de sentido do investigador faz parte da etnografia. O pesquisador deve gerar sua interpretação, colocá-la em jogo e recebê-la de volta do campo social. O próprio campo gera a interpretação compreensiva, e por isso o pesquisador deve estar aberto a compartilhar as regras e o horizonte de sentido dos atores sociais (ROSALDO, 1989).

Hermann (2014) aponta ao menos três diferenças epistemológicas entre o jornalismo etnográfico e o jornalismo convencional: (1) a liberação do ideal de objetividade; (2) o foco em estruturas sociais substanciais, em contextualização e interpretação holística e; (3) a reprodução de valores culturais baseada na interpretação da experiência das outras pessoas, em detrimento da descrição e um observador estranho a elas.

Por isso, estar por um longo período entre as pessoas igualmente afetadas pelo local é a maneira mais apropriada de apresentar uma interpretação sobre aspectos não-verbais e involuntários da experiência etnográfica (FAVRET-SAADA, 1990). Ao escolher como referência suas próprias fontes e a macroestrutura relacionada a ela, o jornalista despreza a alteridade plena do “Outro” (LAGO, 2010). O que transcende dessas observações é que

(...) a etnografia oferece meios insuperáveis porque sua estatura humana permite que nos conheçamos, mesmo sob a imagem

prevalecente mas enganosa de que pertencemos todos ao mesmo mundo da mesma maneira (GUBER, 2011, p. 22) (tradução nossa).

Do ponto de vista estratégico, Hermann (2014) ressalta que o jornalista etnográfico: (1) produz uma relação dialética entre o que o campo oferece e suas análises; (2) faz entrevistas como participante de uma comunidade pela qual tem empatia, e não para extrair uma informação específica como um observador isolado; (3) requer um longo período de tempo, de semanas ou meses, para desenvolver seu trabalho e; (4) produz uma narrativa que resulta da dialética entre a preocupação com “qualidade literária, acessibilidade e entretenimento”, assim como no jornalismo literário, e a representação sistemática das evidências etnográficas.

Pensei muito sobre a importância desse método quando entrevistei Lau. Eu não a conheceria, talvez nem através de entrevista nem com observação minuciosa, se conversássemos em um ou dois encontros, como faria no jornalismo clássico. Tampouco teria notado sua transformação. Minha primeira anotação sobre ela foi “Laura: + calada”, fazendo uma associação que me ajudasse a lembrar seu nome posteriormente. A entrevista que fiz com ela, um ano depois, teve quase duas horas de duração. Não teria notado tantas sutilezas, e tampouco teria construído relação de confiança que permitiu conversas tão francas se não tivesse estado em campo por tanto tempo. Como profissional de jornalismo, foi gratificante poder refletir sobre o que observei e conversamos! A experiência com Lau me mostrou a importância da etnografia nesse processo: me permitir ver além do que eu poderia esperar.

A necessidade de deslocar-se por vários locais de atividade, que se aplica a este trabalho, foi chamada por Marcus (2011) de “etnografia multilocal”. Ela evidencia uma conexão entre locais que definem um objeto de estudo. As observações foram desenvolvidas nos espaços de venda, na oficina, nos cursos, espaços de troca de experiência e nas redes virtuais de divulgação do trabalho das Olleras.

3.4. HIPÓTESES

Para desenvolver o trabalho de campo e análise dos registros, foram estabelecidas duas hipóteses:

- A replicação das técnicas pré-colombianas e a experiência do trabalho colaborativo entre as Olleras Cooperativas mudam a visão das integrantes do grupo sobre trabalho e;
- A participação das mulheres na cooperativa gera uma emancipação que desencadeia efeitos na esfera social.

4. MÉTODOS

A pesquisa foi realizada em diferentes cenários, conforme o conceito de etnografia multilocal descrito por Marcus (2011). Seguir as Olleras em seus locais de trabalho forneceu informações sobre o tipo de trabalho que elas realizam, além de permitir a compreensão das relações estabelecidas entre elas, seus produtos e os ambientes nos quais elas costumam vender suas panelas, ministrar oficinas e divulgar seu trabalho. Informações sobre cerâmica e arte pré-colombiana também foram coletadas nos museus da Cidade Autônoma de Buenos Aires (C.A.B.A.), o Museu Etnográfico Juan B. Ambrosetti e Museu Nacional de Belas Artes, e através de literatura especializada.

No trabalho de campo foram aplicados os seguintes procedimentos e técnicas: entrevista semi-estruturada, observação participante e observação não-participante como um meio de coleta de dados. A análise enfatiza a rotina da cooperativa, que inclui desde a fabricação e venda de panelas até a participação em feiras de artesanato e aulas de cerâmica. A imersão foi feita entre março de 2019 e março de 2020 nos seguintes locais:

- Avellaneda, ao sul da Grande Buenos Aires, na oficina das Olleras; é o local onde elas trabalham juntas pelo menos duas vezes por semana e onde geralmente oferecem oficinas de cerâmica pré-colombianas;

- Mercado de Economia Solidária da Bonpland, no qual elas se reúnem mensalmente para vender suas panelas ou realizar oficinas de cerâmica pré-colombianas;

- Oficina "La Raíz", em Luis Beltrán, Rio Negro (Argentina), onde realizaram uma oficina em abril / 2019;

- Comunidade Kichwa, em Canelos, na Amazônia Equatoriana, onde realizaram um intercâmbio de conhecimentos com uma cooperativa de ceramistas indígenas em novembro / 2019;

- Curso no campo Los Hornillos, em Rio Ceballos, na província de Córdoba, oferecido em janeiro / 2020;

- feiras de artesanato que participaram ocasionalmente com um ponto de venda.

Nesses locais, foi conduzida uma coleta de informações por:

- processo de elaboração: observação não participativa do processo de construção das panelas e da tomada de decisões do grupo; notas de campo, vídeos e fotografias;

- descrição etnográfica participativa: observação participante e ativa, anotações de campo e fotografias do trabalho das Olleras;

- entrevistas etnográficas semi-estruturadas e abertas.

O objetivo da entrevista etnográfica é "compreender as formas como o sujeito é produzido e é produzido como ator social, explica Althabe (1999). Como tudo o mais, fazer

as perguntas e estabelecer uma conversa etnográfica durante a entrevista também não é simples. “Uma conversa que quer explicar algo precisa quebrar essa coisa por meio de uma pergunta”, diz Gadamer (1999). As perguntas devem dar muitas possibilidades de resposta. Para me alinhar aos objetivos que eu queria com a etnografia, optei por conduzir entrevistas do tipo semi-abertas. Elas eram iniciadas com uma pergunta-guia que norteava a conversa, p.ex., “como você começou a participar do grupo?”, para que então eu visse surgir o entendimento sobre o assunto. Foram realizadas nove entrevistas com duração entre 45 minutos e três horas, sendo uma com duas ceramistas e sete individuais. As individuais foram realizadas em cafés na cidade de Buenos Aires, e a coletiva no Mercado de Bonpland.

A partir da resposta dada, o tema ou opinião que o outro trouxe à discussão deve ser tomado como questionamento, num processo que Gadamer (1999) define como “pensar que é capaz de reforçar o que foi dito a partir da própria coisa” (GADAMER, 1999). Assim o entrevistado mostra o que se destaca para ele dentro de um grande contexto. E o entrevistador mostra que está realmente ouvindo e envolvido na conversa. Geralmente elas têm entre quatro e sete questões, que são tratadas individualmente como perguntas abertas e aprofundadas por perguntas específicas que são geradas no decorrer do diálogo (DUARTE, 2010).

As entrevistas foram realizadas nas minhas últimas semanas, em fevereiro e março de 2020, na Argentina, quando eu já estava confiante com o idioma. Além disso, nesse período eu tinha uma aproximação com as ceramistas que me permitiu fazer a entrevista, e o gravador ligado, não serem intimidadores. Me preocupei em fazer o mínimo de anotações, nada além de palavras-chave, para não distrair as entrevistadas. Acredito que o fato de eu ter conseguido elaborar e modificar o meu mini-roteiro inicial, baseada na história e em pontos que eu pretendia aprofundar, também foi um ponto positivo que contribuiu para o clima descontraído. Alterações no roteiro são naturais nesse tipo de entrevista (DUARTE, 2010).

Tentar fazer as perguntas certas também é maravilhoso para identificar seus preconceitos - e evitar que eles os mostrem na própria pergunta em vez de colocá-los no jogo social. Embora Duarte (2010) destaque a importância de validar e confiar nos dados obtidos, minha preocupação era avaliar a caracterização da história pela entrevistada. O importante, para mim, era avaliar as circunstâncias, os encontros, as interações que colocam os atores em conflitos e colaborações, os agentes e o jogo entre concordância e discordância que pareciam caracterizar o enredo. Ou seja, avaliar quais os fatores recolhidos pela entrevistada. A narrativa é compreendida “pelo ato de seguir uma história”, segundo Ricoeur (2006).

A partir das entrevistas e das anotações e observações realizadas ao longo de 11 meses, foi desenvolvido um material digital intitulado "Cerâmica: histórias feitas em uma panela", um livro-reportagem predominantemente do tipo retrato. O livro tem como público-alvo pessoas que se interessem por cerâmica e artesanato, em especial o que é feito na América Latina além de pessoas que querem conhecer formas alternativas de trabalho e para quem quer se inspirar com histórias interessantes de mulheres comuns que podem mudar o mundo. O e-book foi diagramado no editor gratuito Crello e conta com uma grande reportagem sobre as Olleras, composta de oito perfis, sendo um dedicado a cada integrante e um às panelas, além de um infográfico sobre a construção das panelas, textos complementares e fotos das integrantes e dos processos. As fotos utilizadas no livro foram generosamente cedidas por Julia Bles, uma das integrantes e fotógrafa do coletivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar em contato com as Olleras me fez querer que mais pessoas as conhecessem. Lüersen e Paim (2020) dizem que “as histórias são experimentadas por quem as viveu, por quem as contou e também por quem as leu”. Esse sentimento me impulsionou a escrever o livro “Cerâmica: histórias feitas em uma panela”. Não foi fácil encarar os textos que eu já havia trabalhado, e muito menos ver as fotos, assistir aos vídeos e escutar as entrevistas, por causa da saudade que me despertam. Sei que estar imerso em um contexto pode fazer alguém percebê-lo maior e mais intenso do que ele realmente é. Essa visão distorcida é corrigida quando se toma distância. Longe das Olleras e da Argentina, entretanto, reiteirei minha observação do quanto o grupo é grandioso no que se propõe e na sua atuação. Talvez até maior do que eu pensava.

O trabalho foi inicialmente elaborado como um artigo de etnografia. Quando o converti em livro-reportagem, a minha pauta era o coletivo. Explorei as hipóteses do trabalho etnográfico como norteadoras da escrita da reportagem. A apuração, principalmente de localizações no tempo, teve que ser feita até o final da escrita, mas isso é esperado na produção e construção de um livro-reportagem, segundo Rocha e Xavier (2013). Além disso, o processo de escrita começou com um desafio que eu não previa: traduzir os termos e técnicas. Afinal, meu conhecimento em cerâmica foi todo construído em espanhol. Contei com a ajuda de dois amigos ceramistas e uma antropóloga brasileiros, todos me foram apresentados por Adriana Martínez.

Escrever os textos do livro e do memorial, editar e diagramar quase que simultaneamente me exigiu muita organização de tempo e paciência. Gostaria de ter me dedicado mais à escrita dos perfis e da matéria que às outras atividades, mas essa foi uma escolha que fiz e não me arrependo. Foi muito prazeroso ver a consolidação desse projeto. Também ir lembrando nesse desenvolvimento de discussões que tive em aulas desde o primeiro semestre, de trabalhos que fiz nas disciplinas e de aprendizados do fazer jornalístico nesses cinco anos de curso me fizeram revisitar esse caminho que foi construído aos poucos. Além de tudo, senti como as Olleras fazendo suas próprias panelas: escrevi e diagramei meu próprio livro com as ferramentas que estavam ao meu alcance. Ainda tive a sorte de contar com as fotos incríveis feitas por Juli, que me ajudou inclusive na seleção para o livro.

As Olleras me apresentaram a um mundo no qual é possível ter uma vida que se viva bem, inclusive no trabalho e, que se mantém coerente com seus valores em uma sociedade que te impele para outras direções. Espero levar para muitas pessoas um pouco da inspiração que me foi apresentada por elas com uma ferramenta que o jornalismo me proporcionou: a reportagem.

6. REFERÊNCIAS

AHUMADA, Bruno Jara. **Ecossistemas y memorias: huellas precolombinas en el arte contemporáneo**. Panambi, 5 (p. 9-32), 2017.

ALTHABE, G. **Lo microsocial y la investigación antropológica de campo** en: Antropología del presente, Althabe y Schuster (comps.), Edicial, Argentina, 1999.

ANDRADE, A. M. Q. **A gestão de design e o modelo de intervenção de design para ambientes artesanais: um estudo de caso sobre a atuação do Laboratório de Design O Imaginário/UFPE nas comunidades produtoras Artesanato Cana-Brava e Centro de Artesanato Wilson de Queiroz Campos Júnior Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco**. Tese (Doutorado em Design) - Centro de Artes e Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

ANDRADE, M. H. **O Mito, a Mulher, a Ciranda: Lia de Itamaracá em livro-reportagem**. Dissertação (Mestrado Profissional em Jornalismo) - Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

BIRD, E. The Journalist as Ethnographer: How Anthropology Can Enrich Journalistic Practice. In: ROTHENBUHLER, E. e COMAN, M. (ed.). **Media Anthropology**. 1. ed. Thousand Oaks: Sage, cap 28, p. 301-308, 2005.

CAIRO, Alberto. **Infografía 2.0: visualización interactiva de información en prensa**. Madrid: Alamut, 2008.

CAIRO, Alberto. El Arte Funcional. **Infografía y visualización de información**. Madrid: Alamut, 2011

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

CONOVER, Ted. **Ethnographic methods in journalism - Fagfestival '16**. (58m15s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v7Q3QEzd_64>. Acesso em: 19 nov. 2020. 2017.

CORONA, B. M. Género, empoderamiento y sustentabilidad. Una experiencia de microempresa artesanal de mujeres indígenas. In: García, Verónica *et al.* **Género y medio ambiente en México: Una antología**. Cuernavaca, Morelos : Universidad Nacional Autónoma de México, Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias, 2016.

DACHEUX, E. The Plural Logics of Anti-Capitalist Economic Movements In: Frère, B., e Jacquemain, M. (Eds.). **Everyday Resistance**, Palgrave Macmillan, Cham, 2020.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. *In*: DUARTE; BARROS. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ENRÍQUEZ, Corina Rodríguez. Economía del cuidado y desigualdad en América Latina: Avances recientes y desafíos pendientes. *In*: Bengoa, Cristina et al. (Coord.). **Economía feminista: desafíos, propuestas, alianzas**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Madreselva, 2018.

FAVRET-SAADA, J. **Être Affecté**. En: Gradhiva (première série). Traducción: Laura Zapata y Mariela Genovesi. Revisión: Andrea Lacombe. *Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie*, N°8. Paris: Musée de l'Homme, pp. 3-9, 1990.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação**. 20. edição, São Paulo: Publifolha, 2015. 388 p.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**, 3. edição. Tradução Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GONZÁLEZ, Alberto Rex. **Arte precolombino de la Argentina. Introducción a su historia cultural**. Buenos Aires: Filmediciones Valero, 1977.

GUBER, Rosana. **La etnografía. Método, campo y reflexividad**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011. Introducción, p. 15-22.

HERMANN, Anne Kirstine. **Ethnographic journalism**. *Journalism* 17 (2): 260–78.], 2014.

LAGO, Cláudia. **Ensinaamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo**. *Brazilian Journalism Research* 6 (1), 156-170, 2010.

LE MASURIER, Megan. **Slow Journalism**. *Journalism Practice*, 10:4, 439-447, 2016.

LÜERSEN, A. PAIM, A. Em busca da memória (quase) perdida. *In*: DIAS, Marlon Santa Maria; BRESSAN, Olívia; BORELLI, Viviane (Org.). **Jornalismo literário: itinerários possíveis**. Santa Maria/RS: FACOS-UFSM, 2020.

MACIEL, A. “Em um mundo fragmentado é preciso organizar a memória”. *In*: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quatrin (Orgs). **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017.

MARTÍNEZ, Adriana. 2019. **Entrevista concedida a Raquel Moreira Saraiva**. Avellaneda, 16 de junio. 2019. [A entrevista está transcrita no Apêndice "A"]

MARCUS, G. **Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal**. *Alteridades*, vol. 11, núm. 22, pp. 111-127. Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa. Distrito Federal, México, 2001.

MEDEIROS, Y. Visualidades da grande reportagem no Brasil. *In*: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quatrin (Orgs). **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017.

Revista Cerámica de Argentina - Artes del Fuego. **Olleras**. Argentina, out. de 2019.

Disponível em:

<http://revistaceramica.com.ar/olleras/?fbclid=IwAR265RR23IKbbqfxWrzegVURNWnJgpTtVhk8Z5Md9aVb_KR8mUZK4Mj6oqw>. Acesso em: 29 de jan de 2020.

Olleras Cooperativas [OllerasCooperativas]. (2019, Agosto 13). Hermosa Suki , bienvenida a nuestra ronda de martes y jueves, donde con nosotras el barro se hace ollas, sitios donde se cocinaron alimentos, espacios de transformacion transformados en nuestras horas de mujeres olleras. Bienvenida a nuestras andanzas colectivas de ferias [Publicación de Facebook]. Recuperado de

<<https://www.facebook.com/561841547546490/photos/a.588898078174170/814585222272120/?type=3&theater>>

Olleras Cooperativas [OllerasCooperativas]. (2019, Setembro 09). Transformar la tierra en forma, rodear el vacío, limitarlo con nuestras manos, ese acto nos hace felices. Bello para nosotras acompañar estos procesos. Gracias a quienes en Junín nos permitieron estos días [Publicación de Facebook]. Recuperado de

<https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=831715523892423&id=561841547546490>

ORMANEZE, F. Do estético ao ideológico na análise de narrativas jornalísticas: o caso das histórias de vida. *In*: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quatrin (Orgs).

Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017.

OZDAMIL, F. OZDAL, H. **Developing an Instructional Design for the Design of Infographics and the Evaluation of Infographic Usage in Teaching Based on Teacher and Student Opinions**, EURASIA Journal of Mathematics, Science and Technology Education, 14(4), 2018

RICOEUR, P. **La vida: un relato en busca de narrador**, Ágora: Papeles de Filosofía, Vol. 25, 2006.

ROCHA, P. M.; XAVIER, C. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. RuMoRes, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 138-157, 2013.

ROSALDO, R. **Aflicción e ira de un cazador de cabezas** en: Cultura y Verdad. Nueva propuesta de análisis social. Grijalbo, México, 1989.

RUIZ, Mertxe. Contribuciones de la economía feminista a la construcción de una economía solidaria. *In*: Bengoa, Cristina et al. **Economía feminista: desafíos, propuestas, alianzas**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Madreselva, 2018.

SCHWARCZ, L. M. **Biografia como gênero e problema**. História Social (24), 51-73, 2013.

SERAFIM, Elisa Feltran. **Design e artesanato: análise de modelos de atuação de design junto a grupos de produção artesanal.** 2015. 150f. Dissertação (Mestrado em Design). Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2015.

SILVA-JUNIOR, Gonçalo. CBN NOITE TOTAL I Tania Morales conversa com Gonçalo Júnior, autor do livro "Famigerado!", biografia do bandido da luz vermelha. (47m17s). Disponível em:
<<https://www.facebook.com/126023467444040/videos/798783357219050>>. Acesso em: 19 maio 2020. 2019

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUSA, Adrianyce e NEVES, Daniela. 2011. **Economia solidária e trabalho: elementos para análise das políticas públicas de geração de trabalho e renda.** CODE 2011: Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos.

TARELA, Mariel. **Cerámica y arte contemporáneo. Emergencia de prácticas milenarias en el siglo XXI.** Arte e investigación (14), 2018.

ANEXO A

Entrevista con Adriana Martínez, mentora y miembro de Olleras Cooperativas, por Raquel Saraiva (02/06/2019)

PREGUNTA: Cómo ustedes llegaron a la decisión de vender ollas?

RESPUESTA: Lo que pasa es que es un recorrido muy largo. Hace muchos años en que venía haciendo ollas - estoy hablando hace 30 años. En este momento fue como pensar primero en la necesidad de agruparnos colectivamente entre mujeres y después porque la olla tiene en sí misma varias cosas, [hay] la cuestión de la utilidad y además lo simbólico. Y es un objeto que puede tener además de la función de lo simbólico conjunto y una necesidad actual que tiene que ver con mejorar la alimentación. Entonces se conjugaron varias cosas [en ese momento, la charla fue interrumpida para Adriana saludar a tres chicos que llegaron al taller para conocer el proceso de horneada de las ollas]. Fue por eso. Fue como una idea que fue creciendo. A mi particularmente me gusta mucho el trabajo colectivo y por eso fue como una convocatoria, gente que venía al taller, mujeres, que todas necesitamos de alguna manera de la cuestión del desarrollo económico también. Fue como una conjunción de cuestiones. Pensar que trabajando desde la raíz precolombina también está implícito esta cuestión de lo colectivo, que digamos el capitalismo lo deja de lado. Pero en realidad las culturas precolombinas lo colectivo, lo comunitario, estaba muy impregnado. Entonces fueron como varios caminos que fueron convergiendo en esa idea y después bueno se materializó. Hace un año que estamos trabajando colectivamente y el funcionamiento es como un trabajo permanente también entre nosotras porque vos pensás que también estamos dedicado para el individual. Entonces ahí hay algo de un desarrollo permanente.

PREGUNTA: Además de ollas piensan en vender otras cosas que también sean artísticas y funcionales?

RESPUESTA: En la olla está eso, está lo artístico y lo funcional. Por eso es un objeto que en sí mismo implica eso. Es más que una olla. Está además considerada la función, que eso también para nosotros es súper importante. Pero no está descartado lo estético. Y además trabajando sobre las distintas culturas, digamos tipos de ollas que se hicieran en distintas culturas de pueblos precolombinos es también como un conocimiento geográfico... Porque

las ollas tienen la implicancia de lo geográfico también. Es muy amplio. Es un objeto que en sí mismo invoca muchas cosas, mucho más que la olla.